

HOMENAGEM A MARCELO TINÔCO (In Memoriam)



No início desse ano, o Grupo PROJETAR, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), perdeu um dos seus membros fundadores e principais colaboradores: Marcelo Bezerra de Melo Tinôco, faleceu precocemente, aos 56 anos, em 28 de janeiro de 2017.

Nesse novo número da Revista PROJETAR, o primeiro após sua partida, prestamos uma homenagem singela ao nosso querido amigo e companheiro de trabalho. Primeiro, registrando aqui, muito brevemente, sua contribuição para o PROJETAR (Grupo de Pesquisa, Seminário e Revista), para a UFRN e para a sociedade norte-riograndense como um todo. Na sequência, (re)publicando seu último artigo para o PROJETAR, com suas repercussões em âmbito nacional e internacional.

Marcelo Tinôco nasceu em Natal em 04 de outubro de 1960; graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP em 1983, onde também fez mestrado e doutorado, concluídos respectivamente em 1997 e 2001. Em 1990 ingressou no Departamento de Arquitetura da UFRN, por concurso para a área de Projeto de Arquitetura. A partir de então atuou como professor e pesquisador, com ênfase no ensino, pesquisa e metodologia do Projeto, e no planejamento, projeto e tecnologia da Habitação.

Em 2002, colaborou nas discussões e no processo de criação do Seminário PROJETAR (cuja primeira edição ocorreu em Natal em 2003) e do Grupo de Pesquisa que deu nome ao evento. Entre 2006 e 2008, participou da pesquisa "Arquitetura, Projeto e Produção de Conhecimentos no Brasil" realizada com o apoio do CNPq e, entre 2007 e 2009, também com financiamento do CNPq, coordenou as pesquisas intituladas "O projeto como fonte de conhecimento – os concursos recentes no Brasil (2007-2009)" e "PROJEDATA: Banco de Informações, Imagens e Produção de Conhecimentos em Projeto de Arquitetura," que resultaram na implantação do Banco de Dados do Grupo PROJETAR, uma biblioteca virtual ancorada no software de livre acesso Dspace, disponível no endereço <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/>.

Na graduação e na pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, destacou-se como professor de disciplinas de Projeto: notadamente, Projeto de Arquitetura 3, Atelier Integrado de Arquitetura e Urbanismo na graduação; Planejamento e Projeto da Habitação Social no PPGAU (mestrado acadêmico e doutorado); e Atelier Integrado de Projeto III no Mestrado Profissional em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente. No primeiro semestre de 2015, realizou pesquisa de estágio sênior no exterior (pós-doutorado) na Universidade de Lisboa, tendo como um dos produtos o artigo que apresentamos a seguir.

Destacou-se também por sua atuação como gestor na presidência do antigo Instituto de Planejamento Urbano de Natal (IPLANAT) entre 1995 e 1996, na Chefia do Departamento de Arquitetura (entre 2007 e 2011), na vice-coordenação do PPGAU/UFRN (entre 2014 e 2015) e na Superintendência de Infraestrutura da UFRN (desde 2015).

Paralelamente à vida acadêmica, Marcelo era um músico talentoso, sendo um dos criadores da banda Catita, Choro e Gafieira. No campo cultural preocupava-se com a ocupação de áreas de interesse patrimonial, e estava entre os fundadores do Espaço Cultural Buraco da Catita, localizado no bairro histórico da Ribeira, Natal/RN.

Somos muito gratos ao professor Marcelo Tinôco por sua contribuição ao ensino, à pesquisa e à extensão na área de Projeto no Brasil e, mais particularmente, por sua participação, sempre discreta, mas muito profícua, no Grupo PROJETAR/UFRN.

Natal, Abril de 2017.

Maísa Veloso e Gleice Azambuja Elali

ESPAÇOS DE RELAÇÃO NA HABITAÇÃO SOCIAL PORTUGUESA: UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE DA ARQUITETURA DE CONJUNTOS HABITACIONAIS

RELATIONSHIP SPACES IN THE PORTUGUESE SOCIAL HOUSING: AN ANALYSIS METHODOLOGY OF THE HOUSING ARCHITECTURE

ESPACIOS DE RELACIÓN EN LA VIVIENDA SOCIAL PORTUGUESA: UMA METODOLOGIA DE ANALISIS DE LA ARQUITECTURA DE CONJUNTOS DE VIVIENDAS

TINOCO, MARCELO BEZERRA DE MELO(*)

Doutor, PPGAU/UFRN. (In Memoriam)

RESUMO

O presente artigo examina a produção de conjuntos habitacionais em Portugal, no âmbito do Premio do Instituto Nacional da Habitação/ INH (1989 a 2006), inserindo essa produção no contexto da revisão teórico- metodológica da habitação social ocorrida naquele país durante os anos 60 e 70. Adota os pressupostos teórico-metodológicos presentes na obra do arquiteto Nuno Portas no período da referida revisão, em que considera o dimensionamento sociológico como o ponto de partida para a concepção do habitat, onde a família desempenha papel central na utilização de diferentes formas de agrupamento residencial, conforme as relações que se estabelecem entre a tipologia do edifício e os órgãos de acesso e distribuição como elementos fundamentais na promoção dos espaços de relação. Destaca-se na produção levantada a qualidade residencial dada pelos aspectos da interpenetração entre interior e exterior residencial, a diversidade tipológica, a pequena escala, a adequação aos habitantes e a adequação urbana e paisagística do habitat português contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: habitação coletiva, projeto da habitação social, espaços de relação.

ABSTRACT

This article examines the production of housing estates in Portugal, under the Award of the National Institute of Housing / INH (1989-2006) by entering this production in the context of theoretical and methodological review of social housing occurred in that country during the 60s and 70. Adopts the theoretical and methodological assumptions present in the work of the architect Nuno Portas in the period of the review, as it considers the sociological dimensions as the starting point for habitat design, where the family plays a central role in the use of different forms of residential group, according to the relations established between the typology of the building and the organs of access and distribution as key elements in promoting relationship spaces. Stands out in the production raised residential quality offered by the aspects of interpenetration between interior and exterior residential, the typological diversity, small-scale to adhere to its inhabitants and the urban landscape and adequacy of contemporary Portuguese habitat.

KEY-WORDS: collective housing, social housing project, relationship spaces.

RESUMEN

Este documento examina la producción de viviendas en Portugal, en el marco del Premio del Instituto Nacional de la Vivienda / INH (1989-2006) mediante la introducción de esta producción en el contexto de la revisión teórica y metodológica de la vivienda social durante los años 60 y 70. Aprueba los presupuestos teóricos y metodológicos presentes en la obra del arquitecto Nuno Portas en el período de la revisión, ya que considera las dimensiones sociológicas como el punto de partida para el diseño del hábitat, donde la familia juega un papel central en el uso de diferentes formas de agrupaciones de viviendas, de acuerdo con las relaciones establecidas entre la tipología del edificio y los órganos de acceso y distribución como elementos clave en la promoción de espacios de relación. Se destaca en la producción elevada calidad residencial ofrecido por los aspectos de la interpenetración entre la diversidad tipológica, a pequeña escala interior y exterior residencial de adherirse a sus habitantes y el paisaje urbano y la adecuación de hábitat portuguesa contemporánea.

KEY-WORDS: vivienda colectiva , proyecto de vivienda social, espacios de relación.

NOTA DO EDITOR (*) Texto publicado originalmente nos anais do 7º Seminário Projetar 2015, em Natal/RN, e aqui republicado na íntegra com autorização de sua esposa, Larissa Rabelo.

1 INTRODUÇÃO

A habitação social é, por excelência, uma habitação programada. A teoria da sua organização espacial expressa, naturalmente, as circunstâncias históricas dessa produção numa dada fase do desenvolvimento social. A noção moderna da casa e do habitat, gênese de toda a renovação arquitetônico-urbanística contemporânea, permanece como campo fértil para a compreensão dos conteúdos e valores operativos do projeto no campo da habitação social nos dias atuais.

O presente artigo examina a produção de conjuntos habitacionais em Portugal, no âmbito do Premio do Instituto Nacional da Habitação/INH (1989 a 2006), inserindo essa produção no contexto da revisão teórico-metodológica da habitação social ocorrida naquele país durante os anos 60 e 70, presentes na obra do arquiteto Nuno Portas. Considera a concepção do habitat segundo a noção do dimensionamento sociológico como o ponto de partida para a concepção do habitat, onde a família desempenha papel central na proposição de diferentes formas de agrupamento residencial, segundo as relações que se estabelecem entre a tipologia do edifício e os órgãos de acesso e distribuição como elementos fundamentais na promoção de espaços de relação.

A crise que marcou a produção da arquitetura habitacional na Europa, na segunda metade do século XX, ao mesmo tempo em que pôs em causa a necessidade de revisão e superação do conceito moderno de habitar, com o questionamento dos grandes programas habitacionais, centralizados e tecnocráticos, abriu novas perspectivas para a concepção, projeto e produção da habitação social.

Alguns dos sentidos do debate da época apontavam precisamente para saídas mais empenhadas na interpenetração metodológica e experimental de conteúdos científicos, onde o crescente reconhecimento das múltiplas necessidades de um “cliente” cada vez mais plural e diferenciado e a consciência das complexidades que caracterizam o seu envolvimento social conduziam o corpo disciplinar da Arquitetura em direção a um campo de referências mais vocacionado para a compreensão das relações entre o meio ambiente e o comportamento (BANDEIRINHA, 2013, p.22).

Em Portugal, ensaiam-se novos modos de habitar, onde o conhecimento dos destinatários permite outros territórios de investigação, como a simplificação do programa, através da concentração das funções num núcleo central, em que além de se assumir como uma espécie de espaço principal da vida doméstica, fortemente influenciado por uma polivalência de matriz vernacular em relação direta com o exterior, elimina as zonas de circulação, como uma resposta à economia de áreas.

Inserido no contexto de revisão dos princípios funcionalistas nas décadas de 50 e 60, elabora-se no país uma leitura estratégica, no que concerne a discussão sobre arquitetura doméstica, introduzindo uma nova perspectiva metodológica sobre a casa, apoiada numa filosofia puramente social. Reflete-se sobre o conceito de mínimo e sobre o papel da mulher na vida doméstica e na revisão do conceito de organização da casa. Propõe-se, finalmente, a passagem da casa compartimentada para a casa com espaço contínuo, assumindo-se a responsabilidade social num jeito de compromisso com os formalismos do Movimento Moderno, resultando em estudos pioneiros, acumulando e sistematizando experiências num setor até então marcado por um grande empirismo (TAVARES, 2013).

Na escala urbana, discutem-se compromissos de integração com a malha urbana, quarteirões-tipo, introduzindo uma implantação tanto de continuidade com o tecido urbano existente, como de proposta de libertação de uma malha urbana fechada, e ainda, substituindo os logradouros por espaços públicos.

Dos pressupostos teóricos recolhidos da obra do arquiteto Nuno Portas no início dos anos 60, destaca-se o estudo da concepção do habitat segundo a análise das mútuas relações que se estabelecem entre espaço interior e espaço exterior, e sobre as quais recai a problemática da intimidade e socialização dos indivíduos, entendida não só na sua expressão sociológica como também em relação aos ambientes físicos.

As fontes utilizadas para análise das obras tomadas como referência foram os Catálogos do Prêmio INHi, anualmente editados, entre os anos de 1989 e 2006. Os catálogos do Premio INH reúnem uma amostragem ilustrada e comentada de inúmeras soluções de referência, essencialmente em termos de arquitetura (do urbano à vizinhança e à habitação), mas também em variados outros aspectos, designadamente, construtivos, organizacionais, e de adequação social (COELHO, 2009).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA HABITAÇÃO SOCIAL: A CONTRIBUIÇÃO DE NUNO PORTAS

Ao longo dos anos 60, vários estudos vão dando consistência teórica a ideia de aprofundamento das necessidades reais dos destinatários da Arquitetura, recorrendo sempre a uma espécie de pressuposto crítico em relação à superficialidade técnica dos programas funcionais do Movimento Moderno e, sobretudo, a uma aproximação com as ciências sociais.

Os primeiros trabalhos de campo permitiram ou ajudaram a formular uma primeira proposta de organização do “espaço interno” da habitação, que, por um lado, questionava as “áreas mínimas” praticadas e, por outro, alertava para a diversidade de perfis das famílias urbanas (na maioria oriundas do campo) de baixos rendimentos. O espaço da mulher, ainda em casa, e dos filhos, ainda numerosos, mas já escolarizados, embora em tempo parcial, justificava a inadequação de soluções importadas do funcionalismo de área mínima (PORTAS, 2013).

Os relatórios insistiam que o aumento da área interior seria um fator decisivo para a durabilidade do quotidiano doméstico, independentemente dos tipos de edifício. Em paralelo com esta luta pelos metros quadrados da habitação, publicaram-se trabalhos sobre a tipologia da edificação, lembrando formas “esquecidas”, como os conjuntos de “casa-pátio” ou as vantagens e os riscos da distribuição em galerias que caracterizavam alguns modelos importados, de sucesso (no início dos anos sessenta) em países mais ricos (teses do Team X, Park Hill-Sheffield, Grande Paris/Ensemble/Le Mirail-Toulouse, Corviale-Roma) (PORTAS, 2013, p.103).

É no domínio do estudo da tipologia da habitação, presente na publicação “A Habitação Social: proposta para a metodologia da sua arquitetura” (PORTAS, 2004), resultado do estudo apresentado à Escola Superior de Belas-Artes do Porto, para obtenção do diploma de arquiteto em 1959, que o presente artigo busca identificar os elementos de projeto que - passada a fase de experimentações da década de 70, representadas pelas operações SAAL e, sobretudo, pelas promoções cooperativas - são incorporadas nas obras do Premio INH, como aquisições relevantes para a programação da habitação de interesse social.

A argumentação desenvolvida por Portas (2004) fundamenta-se na noção do dimensionamento sociológico, onde a caracterização do habitat se dá segundo aspectos como constituição e estruturação da unidade familiar, novos aspectos da vida quotidiana do lar, e o que denomina de “vida de relação”, onde a família desempenha papel central no equilíbrio do binômio “interiorização-socialização”.

Ao conteúdo metodológico do dimensionamento social e da caracterização da estrutura familiar, apresenta um esquema denominado “Concepção da Forma de Agrupamentos”, segundo duas importantes dimensões: a primeira refere-se às relações que os distintos tipos de família estabelecem com o espaço exterior e, a segunda, às formas típicas de agrupamento, no que concerne às relações que se estabelecem entre tipologia do edifício e os órgãos de acesso e distribuição, elementos fundamentais na promoção dos “espaços de relação”.

A vida de relação revela distintos aspectos que não se encontram nos diferentes tipos de famílias com o mesmo grau de intensidade. Para explicar esse conceito, Portas elenca três estados de relação vividos pela família: o conhecimento passivo do outro; a cooperação ou espírito de solidariedade; e a amizade pela inexistência de barreiras. Os dois primeiros estados têm como quadro mais frequente a unidade de habitação.

A família que caracteriza a classe média e a burguesia em geral não usa o plano da unidade para estabelecer as suas relações, e a unidade de vizinhança não marca este tipo de famílias de reduzidas “necessidades”. Nas camadas populares, entretanto, as dificuldades quotidianas tornam as relações de vizinhança uma necessidade, marcando uma concepção de solidariedade bem diferente. A família operária é assim obrigada a construir a sua vida de relação no próprio edifício, ou nos espaços e equipamentos de carácter comum pertencentes à unidade de vizinhança.

Quanto à relação com o espaço exterior, no caso dos agrupamentos multifamiliares, Portas distingue duas possibilidades de agrupamento: *A Justaposição de Unidades*, dotadas com equipamento coletivo proporcional aos seus moradores e desenhada de maneira a fazer predominar a unidade- conjunto sobre a célula familiar. Este modelo é tributário do urbanismo racionalista, cuja crítica incide sobre a necessidade da integração do indivíduo à cidade, ameaçada pela dispersão física dos imóveis entre si. Nesse modelo, tanto a família fica sujeita à diluição da sua personalidade no volume-massa do conjunto, como também, por outro lado, o grupo pode ser afastado de uma noção de comunidade mais rica do que a limitada aos componentes de cada bloco (*unité du grandeur conforme*); a segunda, os *Conjuntos de Expressão Contínua e Intensiva* que se definem por uma continuidade que garante estreitas relações entre as células concebidas como partes de um todo, “valendo os edifícios como limites de verdadeiros espaços sociais comunicantes” (PORTAS, 2004). Esse modelo permite densidades elevadas e uma multiplicidade de formas de agrupamento conforme as necessidades particulares, favorecendo a continuidade desta concepção de bairro em relação a certas formas tradicionais do habitat urbano. A unicidade da família pode ainda ser expressa mais intensamente, dada a escala necessariamente mais “próxima” e a maior maleabilidade estrutural das unidades; a comunidade é sugerida nos caminhos do espaço em função das coisas comuns ou dos locais de encontro.

Nesse sentido, na metodologia proposta, especial atenção é dada ao espaço de relação ou “core”, identificado com os *órgãos de acesso e distribuição*, representados pelos halls de entrada e sistemas de circulação vertical e horizontal, com profundas repercussões na forma e organização dos imóveis. Segundo a sua teoria, a importância desses órgãos no plano funcional é dada pela eficiência dos movimentos, tanto para os moradores que se dirigem à sua casa, quanto para os contatos entre si e sua relação com o edifício, como pelo tratamento dos espaços através da criação de pontos de encontro determinantes para a eficácia social e para a vida de relação da família.

Baseado em dados sociológicos do período, que indicam que a intercomunicação das famílias não se faz ao nível do andar, mas no terreno das instalações comuns, ganha importância no estudo de Portas a *entrada ou recepção*, a resolução simultânea dos *órgãos de acesso e distribuição* com o equipamento coletivo – que os teóricos britânicos sintetizaram na noção de cluster – e os *elementos de distribuição horizontal*, transformados em ruas suspensas, expressas sob a forma “galeria”.

Refere-se à estratégia de transposição da rua do piso térreo para a sua repetição em pisos sobrepostos, através “galeria”, que nas suas primeiras realizações fora solicitada sobretudo pela economia de distribuição de fluxos, resultando em experimentações que vão desde a galeria inteiramente interior até às múltiplas soluções de galeria exterior (embutida ou saliente; piso-a-piso, em pisos alternados ou de três em três andares).

A teoria do agrupamento de Portas completa-se pela abordagem da distribuição interna da habitação e à relação habitação-exterior, considerando fundir os dois extremos que estruturam a sua metodologia. No primeiro, o agrupamento caracteriza-se pelo tipo de células que se considera melhor para certas condições (conjunto linear ou pontual), no segundo, o agrupamento é definido pela ideia urbanística e pela função que desempenha num conjunto de acordo com a sua distribuição.

Sistematiza, dessa forma, a tipologia dos edifícios multifamiliares quanto a: distribuição vertical das habitações conforme esquemas como *simplex* (programa num só piso); *semi-duplex* (programa dividido em dois andares desfasados a ½ piso); *duplex* (programa dividido em dois andares sobrepostos) e *tríplex* (programa dividido em três andares – pouco frequente); *distribuição horizontal*, quando a opção da orientação do sistema de acesso, do partido estrutural e, sobretudo, da forma urbanística o determinam: *célula em extensão* (predominantemente frontal); *célula estreita* (desenvolvida transversalmente, em profundidade); *células tipo misto* (sobretudo quando expostas em faces contíguas); *distribuição interna*, incidindo no que respeita ao modo da distribuição e ao ponto da casa em que a abertura se faz e à orientação compreendida de um ponto de vista da concepção do imóvel e sua relação com os espaços exteriores.

3 A ARQUITETURA DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PREMIO INH

Criado em 1984, o Instituto Nacional de Habitação/INH surgiu na evolução institucional de ajustes no quadro de mudanças económicas e políticas das décadas de 70 e 80, concebido para apoiar políticas do sector habitacional e para financiar a promoção mais descentralizada realizada pelos municípios, pelas cooperativas e pelo setor privado.

Enquanto no início da década de 70 houve um reforço da intervenção do Estado nas políticas habitacionais, os anos seguintes foram marcados pela instabilidade que caracterizou as políticas de habitação dos anos de 1970-1980, fruto do processo político e social dos primeiros dez anos do regime democrático e das lutas de interesses dos vários agentes do sector, como proprietários fundiários, promotores imobiliários e de construção civil, agentes públicos e moradores.

Se por um lado o modelo de promoção habitacional prevalecente nesse período que antecede a criação do INH, tenha sido dominado por grandes promotores e empreendimentos, por outro lado, a construção clandestina, a autoconstrução, a participação de pequenas empresas e expressivo volume de empréstimos às câmaras municipais, passaram a exigir políticas e programas descentralizados. Dessa forma, a partir de 1982, foram criadas diversas linhas de crédito para utilização pelos municípios na promoção de habitação para venda, arrendamento social, realojamento, aquisição e infraestruturação de terrenos.

A tradição dos conjuntos habitacionais em Portugal remonta à experiência das cooperativas económicas. Nesse aspecto, embora tenha surgido em Portugal no final do século XIX, a promoção cooperativa se auto-organizou somente após o 25 de abril de 1974, e promoveu conjuntos significativos de habitação de interesse social para grupos sociais diversificados. Os aspectos sociais e arquitetónicos que caracterizaram essa promoção ficaram associados a um conjunto de soluções de habitar, marcadas, em muitos casos, pela qualidade arquitetónica que aliaram aspectos de bom desenho e de satisfação dos habitantes.

Dentre os aspectos mais significativos dessa produção, Coelho (2013) destaca: a herança de um desenho participativo, advindos da experiência do SAAL; aspectos ligados ao fazer de um (pequeno) bairro; a oferta de um nível de vizinhança, estrategicamente situado entre o edifício e o espaço urbano; a procura de uma afirmada e múltipla relação do espaço doméstico privado com o espaço público da rua; a consideração da tipologia habitacional, muito mais ao nível da microvizinhança do que ao nível do edifício “isolado”, ou separado da cidade; uma constante e natural procura de renovação e diversidade tipológica, com poucos recursos; o reafirmar da escala humana, na estima para com a pormenorização cuidadosa; opção pela boa gestão, de proximidade e em continuidade, como um elemento continuador do próprio projeto; consideração da existência de equipamentos e de serviços de proximidade.

Quanto à promoção privada em Portugal nesse período, assistiu-se a sua gradual aplicação como promoção municipal indireta para realojamento, verificando-se casos de menor qualidade, associados a conjuntos com dimensões excessivas e a situações caracterizadas por reduzida qualidade ou grande repetição de projetos. Foi provavelmente a promoção indireta municipal que sendo, muitas vezes, pouco regulada e exigente, funcionou como atraente nicho de mercado e, de certa forma, resultando numa opção de promoção privada da habitação de interesse social mais atraente e menos marcada pela exigência e pela qualidade arquitetónica.

No que se refere à promoção municipal da Habitação de Interesse Social, destacam-se no virar do século, excelentes pequenos conjuntos residenciais, verdadeiramente exemplares em termo da referida aliança entre qualidade de desenho global, integração física, funcional e social, e adequação a modos de vida e desejos habitacionais.

De acordo com Coelho (2009), a diversidade tipológica conjugada a pequena escala urbana das intervenções residenciais constitui a maior conquista das obras reunidas em torno das candidaturas do Premio INH neste período, com uma habitação de interesse social bem integrada, física e socialmente, e ligada a uma arquitetura urbana bem qualificada.

Ressalta ainda outros aspectos qualitativos dessa produção que foram ganhando evidência, dentre os quais destacam-se: a relação mútua e efetiva entre interior e exterior residencial; a importância da diversidade tipológica e da pequena escala urbana das intervenções residenciais:

Finalmente, destaca a necessidade de adequação da habitação à cidade e à paisagem/natureza na sua relação e importância com o exterior residencial, presente em várias das edições do Prêmio, e que aos poucos foram sendo estrategicamente associadas a preocupações de sustentabilidade ambiental.

Quatro anos após a sua criação, em 1989 o INH lança a primeira edição do Premio, com o objetivo de reunir as três distintas modalidades de promoção de habitação social, a cooperativa, a municipal e a privada, respondendo a uma ampla variedade de soluções urbanas e paisagísticas. Ocorrido anualmente, o Prêmio passou reunir uma amostra significativa das características qualitativas dos conjuntos habitacionais desenvolvidos em Portugal, apresentando uma amostra tipologicamente diversificada de soluções residenciais.

Para o artigo em questão são apresentados alguns dos exemplos de conjuntos habitacionais recolhidos da amostra retirada dos Catálogos do Premio INH (1986/2006), disponíveis no endereço eletrônico do atual Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana/IHRU (Figura 1).

Figura 1 - Catálogos INH 1989 e 1999



Fonte: IHRU, 2015 / www.portaldahabitacao.pt

Os catálogos são estruturados segundo uma mesma ordem que se repete a cada edição, onde são apresentados os critérios da premiação, a constituição do júri e metodologia adota na seleção dos empreendimentos, e breves memoriais descritivos com fotos, plantas baixas, cortes, perspectivas, e tabelas com informações dos projetos premiados. Os catálogos apresentam ainda um quadro-síntese de todos os empreendimentos candidatos naquele ano, informando: de edifício (habitação unifamiliar, bifamiliar, multifamiliar, em banda, casa-pátio, habitação em torre, etc.); tipo de acessos (independente, esquerdo/direito - quantidade de fogos por piso, galeria interior, exterior, etc.), número de pisos de habitação (dois, três, duplex, etc.); modalidade da promoção (privada, municipal ou cooperativa).

Considerando as 18 edições do Premio INH, a partir do ano de 1989 até o ano de 2006, registramos 729 candidaturas, das quais, 26,47% foram reservadas a promoção cooperativa; 36,62% a promoção municipal e 36,89% a promoção privada, revelando um equilíbrio entre a promoção municipal e a promoção privada, superiores a produção cooperativa.

No universo pesquisado destaca-se o predomínio da habitação coletiva multifamiliar, com 86% da produção, e a baixa ocorrência da habitação unifamiliar com 14%. Quanto ao número de pisos, os edifícios de média altura (4 e 5 pisos), apresentam 41,15% e os de 2 a 3 pisos, apresentam, 39,09%. O que significa, numa primeira análise, que a produção da habitação social em Portugal, no período levantado, caracteriza-se, predominantemente, pela solução de agrupamentos multifamiliares.

Uma vez identificado o universo dos empreendimentos multifamiliares, foi realizado uma seleção preliminar, considerando, inicialmente, a pequena escala (conjuntos em torno de 100 unidades, ou menos), e em seguida, critérios de projeto que possam ser avaliados – respeitando as limitações das informações constantes nos catálogos - segundo as relações desejadas para a compreensão dos espaços de relação, dadas pela leitura articulada entre tipologia, acessos e órgãos de distribuição e espaço exterior. Exemplos desse procedimento podem ser encontrados abaixo (Quadro 1 e Figura 2).

Quadro 1 – PREMIO INH/1992 – Sistematização amostra do ano de 1995

PROMOÇÃO MUNICIPAL C.MUNICIPAL SBA S.BRÁS DE ALPORTEL	MULTIFAMILIAR BANDA	DOIS FOGOS POR PISO	TRES PISOS	74	PREMIO
PROMO COOPERATIVA COOBITAL – CHE FARENSE FARO	MULTIFAMILIAR	GALERIAS	DUPLEX <u>Comércio</u>	115	M. HONROSA
PROMO COOPERATIVA CASELCOOP – CHE S.FRANCISCO CASELAS/LISBOA	MULTIFAMILIAR TORRES	4 FOGOS POR PISO	3 (DUPLEX) A 4 PISOS	35	M. HONROSA
PROMOÇÃO MJUNICIPAL C.M GRANDOLA GRÂNDOLA	MULTIFAMILIAR BANDA	DOIS FOGOS POR PISO	TRES DUPLEX	22	M. JURI
PROMOÇÃO MUNICIPAL C.M LISBOA CHELAS/LISBOA	MULTIFAMILIAR	4 FOGOS POR PISO	NOVE	70	M JURI

Fonte: Elaboração própria

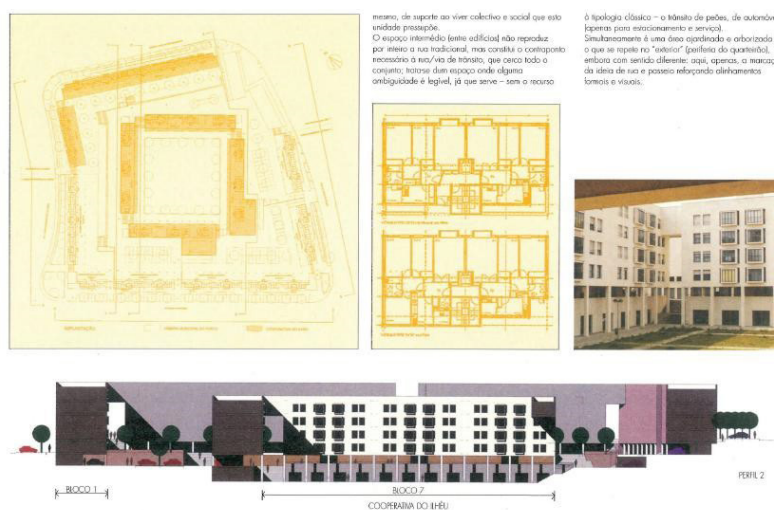
Figura 2 - Análise Tipológica. Promoção Municipal - Câmara Municipal de Grândola



Fonte: Catálogos do Premio INH 1992 – IHRU/ 2015 - www.portaldahabitacao.pt

Considerando que dos 300 exemplares da produção multifamiliar, 76,95% apresentam a solução em banda, o interesse da análise recai na identificação dos órgãos de acesso (halls de entrada, circulações vertical e horizontal, galerias, etc.) através da leitura das imagens e plantas baixas disponíveis nos catálogos, no intuito de localizar a qualidade dos espaços de relação em cada projeto (Figura 3). Na amostra pesquisada predominam as soluções de acesso por escada, servindo de dois a quatro unidades por piso, e de forma menos frequente, a utilização de ruas aéreas e galerias.

Figura 3 - Catálogos do Premio INH. 2002. Câmara Municipal de Porto



Fonte: IHRU, 2015 / www.portaldahabitacao.pt

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos conjuntos habitacionais de que trata o presente artigo reveste-se de um duplo interesse: o primeiro, referenciar uma arquitetura produzida ao longo de 18 anos a qual são atribuídas qualidades como a diversidade tipológica, a conquista da pequena escala, a atenção ao pedestre e o tratamento de uma rede de espaços públicos conviviais. As intervenções caracterizam-se, ainda, por uma gama de soluções tipológicas e arranjos físicos que conferem uma positiva expressão para a qualificação e requalificação urbana aonde foram implantados. Estudos como o de Coelho (2009) atribuem a essa produção uma expressiva qualidade do desenho de arquitetura, e como tal, é merecedora de uma investigação atenciosa. O segundo ponto recai sobre a identificação de pressupostos teórico-metodológicos que possam permitir o aprofundamento empírico e científico das condições do exercício do projeto da habitação social. As reflexões do arquiteto Nuno Portas acerca da importância dos espaços de relação para a eficácia social de conjuntos habitacionais dirigidos “ao maior número” parecem constituir, na atualidade, uma chave poderosa para a construção de procedimentos metodológicos face à problemática arquitetônica da habitação social e do modo de pensar o habitat social.

5 AGRADECIMENTOS

O presente artigo integra as atividades de pós-doutoramento desenvolvidas junto ao CIAUD/FAULisboa, com financiamento pela CAPES (Processo BEX 5543-14-2), a qual agradecemos a colaboração.

6 REFERÊNCIAS

BANDEIRINHA, José Antonio. O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Imprensa da Universidade de Coimbra. 3ª edição. Coimbra, 2014.

COELHO, Antonio Baptista; COELHO, Pedro Batpista. *Habitação de Interesse Social em Portugal*. 1988-2005. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

COELHO, Antonio Baptista. Sobre os “Anos Dourados” dos Conjuntos Cooperativos de Habitação Econômica. 1974-1984. In: *Habitação Para o Maior Número. Portugal, os Anos de 1950-1980*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 2013.

IHRU. Catálogos do Premio INH. 1989/2006. <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/premios/premioinh/premioINH.html>. Acesso em março de 2015.

PORTAS, Nuno. A Pesquisa Aplicada ao Habitat. In, *Habitação Para o Maior Número. Portugal, os Anos de 1950- 1980*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 2013.

PORTAS, Nuno. *A Habitação Social. Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, 2004.

TAVARES, Maria. Leituras de um percurso na habitação em Portugal. As Habitações Econômicas – Federação de Caixas de Previdência. In: *Habitação Para o Maior Número. Portugal, os Anos de 1950-1980*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 2013.

NOTA DO EDITOR (*) O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).